

ENSINAR A FINITUDE: A MORTE COMO DIMENSÃO PEDAGÓGICA ENTRE A BIOLOGIA E A FILOSOFIA

TEACHING FINITUDE: DEATH AS A PEDAGOGICAL DIMENSION BETWEEN BIOLOGY AND PHILOSOPHY

Autor 1¹ ANDERSON DOS SANTOS
WANDERLEY,
wanderleysanderson@gmail.com

Resumo: O artigo aborda a necessidade de inserir o tema da morte no ambiente escolar como uma dimensão pedagógica essencial, articulando conhecimentos da biologia, filosofia, história, antropologia e psicologia. Parte-se da constatação de que a sociedade ocidental contemporânea transformou a morte em tabu, silenciando-a na escola e gerando sofrimento, ansiedade e dificuldades no processamento do luto, situação agravada pela pandemia de COVID-19. O texto resgata diferentes visões culturais sobre a morte — desde os nativos australianos, passando por mesopotâmicos, egípcios e gregos, até as religiões semitas e orientais — para demonstrar que a morte sempre foi integrada à vida por meio de rituais, mitos e filosofias. Na perspectiva filosófica, autores como Epicuro, Sêneca, Montaigne e Schopenhauer são mobilizados para refletir sobre o medo da morte, a finitude e a valorização da existência. No ensino de Ciências, propõe-se que a morte seja trabalhada de forma transdisciplinar, contemplando tanto os ciclos ecológicos e a decomposição quanto o acolhimento emocional do luto. A tanatopedagogia surge como ferramenta para formar professores e criar espaços de diálogo. Conclui-se que a abordagem interdisciplinar da morte na escola reduz o medo irracional, promove saúde mental, fortalece a empatia e prepara os alunos para lidar com perdas reais, transformando o silêncio em acolhimento e a negação em aprendizado sobre a vida.

Palavras-chave: morte; educação; finitude; interdisciplinaridade; ensino de Ciências.

Abstract: The article addresses the need to introduce the theme of death into the school

environment as an essential pedagogical dimension, articulating knowledge from biology, philosophy, history, anthropology, and psychology. It begins with the observation that contemporary Western society has turned death into a taboo, silencing it in schools and generating suffering, anxiety, and difficulties in processing grief—a situation exacerbated by the COVID-19 pandemic. The text retrieves different cultural views on death—from Indigenous Australians, through Mesopotamians, Egyptians, and Greeks, to Semitic and Eastern religions—to demonstrate that death has always been integrated into life through rituals, myths, and philosophies. From a philosophical perspective, authors such as Epicurus, Seneca, Montaigne, and Schopenhauer are mobilized to reflect on the fear of death, finitude, and the appreciation of existence. In science education, it is proposed that death be addressed in a transdisciplinary manner, encompassing both ecological cycles and decomposition as well as the emotional support of grief. Thanatopedagogy emerges as a tool for training teachers and creating spaces for dialogue. It is concluded that an interdisciplinary approach to death in schools reduces irrational fear, promotes mental health, strengthens empathy, and prepares students to deal with real losses, transforming silence into support and denial into learning about life.

Keywords: death; education; finitude; interdisciplinarity; science teaching.

1 INTRODUÇÃO

Como seres vivos, passamos por um processo constante de nascimento, o transcorrer da vida, onde interagimos com outros seres vivos e com o ambiente, e morte. No âmbito da ciência, a vida é intensamente estudada pelas mais diversas áreas do conhecimento. No entanto, a morte não é tão falada como a primeira. A morte é um fenômeno biológico, sendo esta parte essencial dos ciclos da vida, sem a qual não haveria

renovação ecológica nem evolução. A negação da morte gera sofrimento, ansiedade e dificuldades no processamento do luto, tanto para alunos quanto para professores. A pandemia de COVID-19 escancarou essa fragilidade: rituais de despedida foram interrompidos, e milhões de crianças e adolescentes perderam entes queridos sem ter um espaço seguro na escola para acolher e ressignificar essas perdas.

Diante desse cenário, a educação para a morte surge como uma necessidade urgente e ética. Mais do que falar sobre o morrer, trata-se de ensinar a viver com mais consciência, empatia e coragem. Este artigo propõe uma análise das múltiplas dimensões da morte e diretrizes pedagógicas para que professores abordem o tema em sala de aula de forma significativa, respeitosa e transformadora.

A morte é um fenômeno universal e inevitável, presente no cotidiano escolar por meio de tragédias, perdas familiares e, mais recentemente, pela pandemia que vitimou milhões. No entanto, a sociedade ocidental contemporânea transformou a morte em tabu, algo a ser escondido, negado ou encarado como fracasso. A escola, espaço privilegiado de formação

humana, tem sistematicamente silenciado sobre o tema, deixando professores despreparados e alunos sem recursos simbólicos e emocionais para lidar com o luto e a finitude. Historicamente, civilizações como egípcios, gregos e mesopotâmios integraram a morte à cultura por meio de rituais, mitologias e filosofias ricas, enquanto o pensamento estoico e outros ensinaram que o medo da morte é mais paralisante do que a própria morte. Essa diversidade de visões é uma ferramenta pedagógica potente, ainda inexplorada nas salas de aula. Ensinar sobre a morte, portanto, não é um exercício mórbido, mas um ato de coragem pedagógica e humanização. Ao abordar o tema de forma interdisciplinar e respeitosa, a escola pode reduzir o medo irracional, promover saúde mental, preparar para a vida real e, paradoxalmente, ensinar o que valoriza a existência: sua finitude.

Mediante o supracitado, surge a seguinte pergunta: Como professores podem trabalhar o tema da morte em sala de aula de forma pedagógica, ética e significativa, considerando as múltiplas dimensões (biológica, histórica, filosófica, cultural e psicológica) apresentadas no artigo, e quais os principais desafios e benefícios dessa

abordagem educacional?

A finalidade deste estudo é sugerir e examinar orientações pedagógicas para abordar o assunto da morte em contexto escolar, considerando as diversas visões (histórico-culturais, filosóficas, biológico-ecológicas e psicossociais).

2 MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica ou revisão de literatura, de abordagem qualitativa, que consiste na análise e sistematização de referenciais teóricos provenientes de diferentes áreas do conhecimento, biologia, filosofia, história, antropologia, psicologia e educação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Diferentes visões da morte

A curiosidade sobre a morte vem marcando a humanidade há séculos, com cada povo criando inúmeras histórias, lendas e mitologias que expliquem o que há depois da morte e até mesmo durante a própria morte. Ao criar diferentes narrativas e rituais religiosos que explicassem como a morte é/era necessária para os indivíduos, seja para ganhar as riquezas ou graças da vida após a morte, deixando os indivíduos com um pouco

menos de medo em relação à morte. Ao entendermos as diferentes visões sobre a morte, podemos compreender como a morte é vista hoje e por que ela se vê assim.

Uma das formas mais antigas de se ver a morte é a dos nativos australianos, a qual aqueles que morrem voltam para o “sonhar”, o local de origem de todos os seres vivos e, segundo estes, voltaremos para lá depois da morte.

Na antiga Mesopotâmia, há a figura de Kur ou Irkalla, o submundo das religiões presentes nesta região. Este seria um lugar lúgubre e empoeirado no qual todos os seres vivos iam no pós-morte, independente de condição ou logros em vida, ou seja, não há como se ir para um local melhor independente de suas ações em vida, seja você um assassino ou um sacerdote. Nesse período, o medo da morte era comum, com a primeira grande epopeia sendo escrita para descrever a busca pela imortalidade por Gilgamesh. Os enterros nessa época eram tomados por oferendas para que os mortos não retornassem.

Os egípcios, por sua vez, fizeram da morte um dos pontos cruciais de sua cultura com a criação de inúmeros monumentos mortuários, a exemplo das

pirâmides e dos túmulos, ricamente adornados e com os tesouros do falecido para que este os levasse para a vida. Após a morte. Os egípcios buscavam preservar o corpo para que, no final dos tempos, a alma voltasse para este, e na busca de melhor preservar os corpos de seus habitantes, criaram-se as técnicas de mumificação. Em contrapartida, a alma dos indivíduos após a morte era dividida em três partes: Ka (a Força Vital), que precisava de alimentos e oferendas; Ba (a Personalidade), que viajava entre o mundo dos vivos e dos mortos; e Akh (o Espírito Transfigurado), a junção entre os outros dois. O julgamento das almas era o ponto-chave da religião, no qual Osíris presidia o julgamento e Anúbis colocava o coração do falecido em um lado de uma balança e do outro uma pena de Ma'at, deusa da verdade e justiça. Caso o coração tivesse o mesmo peso da pena, o julgado seguiria para o campo dos juncos, uma espécie de Egito perfeito, sem doenças ou problemas que o mesmo possuía. Caso o julgado tivesse o coração mais pesado que a pena, esse seria devorado por Ammut (uma criatura com cabeça de crocodilo, torso de leão e traseira de hipopótamo) e esse morreria definitivamente, caindo no esquecimento.

Os gregos, por sua vez, tinham uma ideia de morte diferente. Aqueles que morriam eram conduzidos ao submundo “Hades” por Tanatos, Hermes os reunia e Caronte os atravessava para o julgamento dos reis Minos, Radamanto e Éaco, filhos de Zeus que ganharam esse posto após a morte. Depois do julgamento, as almas podiam ser mandadas para três locais: os campos elísios, “reservado não para os comuns mortais, mas para aqueles que haviam sido divinizados por seus feitos heroicos ou iniciados nos ritos secretos que prometiam uma existência privilegiada no além” (Gazis; Hooper, 2021, p. 78). Os campos asfódelos são reservados à maioria das almas daqueles que não tiveram grandes feitos, tanto para o bem quanto para o mal. Por fim, o tártaro é reservado apenas para os piores indivíduos, aqueles que ofenderam diretamente os deuses. “Não era um inferno no sentido cristão de punição por 'pecados' morais comuns, mas um local reservado para violações específicas e monumentais contra a ordem do universo.” (Gazis; Hooper, 2021, p. 102).

Nas religiões de origem semita “judaísmo, cristianismo e islamismo”, ambas têm formas ao mesmo tempo diferentes e iguais de se ver a morte. Para o judaísmo antigo na época dos

hebreus, o mundo dos mortos é o *Sheol*, um lugar onde todas as almas iriam independentemente de suas ações em vida, semelhante ao submundo mesopotâmico. Depois do exílio na Babilônia, novas perspectivas e formas de se ver a morte foram incorporadas ao imaginário judaico (Daniel 12:2): “Multidões que dormem no pó da terra acordarão: uns para a vida eterna, outros para a vergonha e para o desprezo eterno”.

Outra religião de origem semita é o cristianismo, que tem como crença central a ressurreição de Cristo. E na vida pós-morte surgem as ideias de céu, o local dos justos, o inferno, o local dos ímpios, e o purgatório, o local daqueles que cometeram crimes/pecados, mas se arrependeram. Já o islamismo possui apenas dois destinos finais: o *paraíso ou Jannah* e o *inferno ou Jahannam*, com ideias semelhantes ao cristianismo. Ao contrário do cristianismo, o islã tem dois julgamentos: um que ocorre nos túmulos pelos anjos Munkar e Nakir e o julgamento que ocorrerá no final dos tempos, realizado pelo próprio criador. As narrativas mais difundidas sobre a morte são aquelas que tratam da reencarnação das religiões budista, hinduísta e espiritismo cristão. O budismo e o hinduísmo tratam da roda

das encarnações ou samsara para os hindus, dos conceitos de Dharma e carma, um é o que mantém a ordem do universo, o outro é a resposta a cada ação do indivíduo: se faz-se o bem, recebe-se o bem; se faz-se o mal, recebe-se o mal, respectivamente.

As diversas concepções acerca da morte, desenvolvidas ao longo da história, evidenciam que este evento transcende a mera dimensão biológica, manifestando-se também como um fenômeno cultural. Na escola, esse assunto é uma ferramenta de ensino muito poderosa que ainda não foi usada. Ele ajuda a entender melhor o silêncio de hoje sobre a morte. Mostra que outras culturas e tempos lidaram com a morte por meio de rituais, histórias e pensamentos. Assim, professores e alunos podem conversar sobre a morte sem o medo ou o tabu que costumam existir.

3.2 MORTE E FILOSOFIA

A morte, para a filosofia, é algo que suscita o imaginário dos filósofos. Há tempos, os estoicos, comumente chamados de filósofos da felicidade, buscavam compreender a melhor forma de se viver, buscavam compreender a morte. “Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que

todo bem e todos mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações.” (Epicuro, 2002, p. 27)

O estoicismo nos apresenta uma separação entre vida e morte, onde uma independe da outra para existir. “Quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos.” (Epicuro, 2002, p. 29). Também nos é apresentado o medo da morte como um fator que nos reprime e incapacita até dado momento: “O que nos aflige não é a morte, mas o medo dela.” (Epicuro, 2002, p. 30). O medo da morte por essa nos ser desconhecida não é por si só algo prejudicial ao ser humano, afinal, esta está sempre tão presente na vida de qualquer ser, e é parte inerente de cada ser, contrapondo totalmente com o que foi supracitado por Epicuro. A morte é parte integrante de cada ser vivo e por ela e para ela existimos. Sem o medo da morte, os seres não se reproduziriam para deixar descendentes, pois não haveria necessidade de deixar o legado genético. As grandes obras humanas, como pirâmides, bibliotecas e monumentos, não existiriam por não terem história para guardar em seu âmago. “Quem teme a morte jamais será livre, pois a antecipação do sofrimento é

pior do que o próprio sofrimento.” (Epicuro, 2002, p. 35). “Sem a morte, a vida seria infinita e, portanto, insuportável. A morte é a condição de possibilidade do valor da vida.” (Schopenhauer, 2015, p. 435). A vida só tem sentido mediante a incerteza da morte, e é nesse sentido tão efêmero que a vida possui que a torna bela e capaz de suscitar o coração dos artistas, desde o mais melancólico até o mais apaixonado. “A morte é acidental, mas a mortalidade é nossa essência.” (Montaigne, 2010, p. 87).

Contudo, é preciso entendermos que cada ser tem um tempo limite de existência nesse pequeno planeta perdido nos confins do universo. “Não temos pouco tempo, mas desperdiçamos muito. A vida é longa o suficiente e nos foi dada generosamente para a realização das mais altas empreitadas, se toda ela for bem empregada.” (Sêneca, 2018, p. 15). A humanidade se concentra em uma ganância fabricada para destruir vidas e nações apenas por mais dinheiro e poder, matando cada vez mais pessoas como se a expectativa de vida humana não fosse curta o suficiente. Setenta anos não são nada, e mesmo assim a ganância humana ceifa vidas para enriquecer pessoas que viveram poucos

anos a mais que os demais e morreram do mesmo modo e serão provavelmente devoradas pelas mesmas espécies de vermes.

Por um lado, aqueles que vivem temendo a morte como se esta fosse arrebatá-los a qualquer momento; por outro, aqueles que vivem sem o menor senso de responsabilidade, viciados em prazeres momentâneos, embriagados de álcool, drogas e associados à direção de veículos, colocando a vida dos outros em perigo. “Vocês vivem como se fossem viver para sempre, a sua fragilidade nunca os socorreu, não observaram quanto tempo já havia transcorrido.” (Sêneca, 2018, p. 23). Por vezes, estes, ao se depararem com a fragilidade da vida e a certeza da morte, não podem voltar por levarem outros com sua irresponsabilidade ou até mesmo por terem se entregado livremente à morte. “Ninguém vai trazer de volta o tempo perdido, ninguém vai lhe conceder uma segunda vez. A vida seguirá o caminho que começou e não reverterá nem interromperá seu curso.” (Sêneca, 2018, p. 33).

Compreender a morte é o melhor caminho para o bem viver. “Meditar previamente sobre a morte é meditar previamente sobre a liberdade. Quem aprendeu a morrer desaprendeu a se

subjugar.” (Montaigne, 2010, p. 73). Ao entendermos nossa insignificância e efemeridade mediante a insondável escala da vida e mais além do universo, podemos vivenciar as experiências que transpomos com maior significância. “Não há nenhum mal na vida para aquele que bem compreendeu que a privação da vida não é um mal.” (Montaigne, 2010, p. 74).

A morte é nosso último ato em vida, para alguns é fundir-se com a essência pura do universo, para outros é entregar-se ao inevitável, contudo, é algo que não devemos nos preocupar, pois não seremos os únicos a morrer e tampouco seremos os únicos a temê-la. “A morte é apenas um instante. Por que temê-la? É o último ato da peça, e o menos penoso.” (Montaigne, 2010, p. 82).

Morrer é o ato mais próximo ao ideal de algo justo, pois esta chega para todos igualmente: jovem, idoso, saudável, doente, pobre e rico, todos encontrarão seu fim e não a forma conhecida a qual possam suborná-la para viver eternamente. Embora em algumas religiões sempre tenham havido personagens ditos imortais, no final de toda lenda é a mortalidade que dá sentido aos atos dos grandes personagens mitológicos e religiosos.

Quando vemos na raiz biológica o temor pela morte, está entranhado em nossa mente não apenas como seres vivos, mas sim como animais. O que faz com que as zebras, gazelas e gnus fujam quando são atacadas pelos grandes carnívoros da savana africana não é nada mais que o medo da própria morte. “O medo da morte é, na verdade, independente de todo conhecimento, pois o animal o tem sem conhecer a morte.” (Schopenhauer, 2015, p. 318). Se até mesmo os demais animais temem a morte, nós, seres humanos, temos total direito de também temê-la, não por ser trágica ou dolorosa assim como no caso dos animais citados acima, mas por ser desconhecida a nós.

O que é mais assustador na morte não é o ato em si, mas o dissipar da própria existência do ser com o passar dos anos. “A morte não é um mal em si mesma; o que nos parece terrível é a ideia de que o nosso 'eu' cessará. Mas este 'eu' é apenas uma aparência.” (Schopenhauer, 2015, p. 412). A ideia de ser esquecido, de se perder no tempo, de em algumas gerações não ser lembrado por ninguém e talvez ser apenas um monte de ossos perdido em um cemitério qualquer o qual já guardou uma história, mas ninguém sabe, a

ausência de um legado é o que mais assusta os indivíduos.

Do ponto de vista da biologia, a morte pode ser vista como uma nova forma de aproveitar aqueles recursos em novos seres vivos. “A morte é para o homem o que o outono é para a natureza: o fim aparente, mas a preparação para uma nova forma de existência.” (Schopenhauer, 2015, p. 430). Entender que nossos átomos farão parte de novos seres vivos e auxiliarão esses em suas atividades vitais é algo novo para entendermos, embora já se saiba que as mesmas moléculas de água que bebemos hoje já passaram pelos organismos de milhares de indivíduos como árvores, dinossauros, aves sinapsídeos dentre outros.

Reconhecer a finitude valoriza a vida e aceitar a vulnerabilidade é parte da existência humana. Biologicamente e psicologicamente, essa aceitação não elimina o luto ou a dor, mas reduz seu caráter patológico e facilita a integração ao desenvolvimento.

3.3 QUAL A IMPORTÂNCIA DE SE COMPREENDER

Compreender como a morte é vista nos dias atuais nos faz refletir sobre como a tratamos nos dias atuais em relação à forma que a tratávamos em

civilizações passadas, como visto anteriormente: “A morte faz parte do processo de desenvolvimento humano e está presente em nosso cotidiano.” (Combinato; Queiroz, 2006, p. 1). Atualmente, morrer é visto como indesejável, algo que deve ser escondido. “Para o homem ocidental moderno, a morte passou a ser sinônimo de fracasso, impotência e vergonha.” (Combinato; Queiroz, 2006, p. 2). Muitos cientistas, famosos e milionários buscam diariamente a imortalidade, parar o processo de envelhecimento de maneira definitiva. Assim, o Gilgamesh, a busca pela imortalidade, sempre é inconclusiva. A humanidade não possui tal capacidade, no entanto, outros seres vivos, como algumas algas, sequoias, lagostas, dentre outros, podem viver por milênios. Contudo, mesmo esses seres vivos são predados por outros, ou seja, até para aqueles que em teoria não morrem facilmente, enfrentam a morte diariamente.

Vivenciar o luto como se fazia antigamente, no qual se utilizava preto por meses ou anos em homenagem aos mortos. Atualmente, por vezes o luto não é vivenciado, há uma necessidade de se parecer feliz diariamente. “Tenta-se vencê-la a qualquer custo e, quando tal êxito não é atingido, ela é escondida e

negada.” (Combinato; Queiroz, 2006, p. 2).

Antigamente, os mortos eram lembrados e cultuados independentemente das religiões. Havia ritos e oferendas. Hoje, há uma mercantilização da morte. Campos de batalha tomados por cadáveres para encher o bolso de poucos indivíduos gananciosos, pessoas que, por petróleo, ouro ou pedras preciosas, não se preocupariam em destruir o próprio mundo. Para esses mortos desumanizados, não resta nada mais que serem enterrados como seres indesejados em valas comuns sem nomes ou cerimônias que os precedam. “Os mortos não eram considerados, como hoje, presenças inoportunas, em completa oposição à vida.” (Combinato; Queiroz, 2006, p. 2).

A própria ideia contemporânea de morte é vista como a oposição à vida, não considerando que a própria vida precisa da morte para se manter. São os nutrientes dos mortos que mantêm os demais indivíduos vivos, uma verdura ou animal sem vida alimenta uma série de indivíduos. Contudo, ainda pensamos na morte como um contraponto, não como um complemento à vida. “A morte é interpretada somente como uma contraposição contraditória da vida,

como a ausência da vida, em suma, como o não-ser.” (Combinato; Queiroz, 2006, p. 5).

Compreender a importância de se falar sobre a morte e entender que esta não é sinônimo de fracasso e vergonha, escondendo-a atrás de uma fachada de felicidade obrigatória. Diferentemente das civilizações passadas que a integravam em seus rituais e no cotidiano, a modernidade ocidental a mercantilizou e a tornou um tabu, fazendo com que o luto seja negado.

Ao resgatar a importância dessa compreensão, a escola se torna um espaço para abordar a morte de forma franca e integrada, pode devolver a ela a sua dimensão sagrada e natural, combatendo a “desumanização dos mortos” e incentivando uma cultura de acolhimento e respeito, em vez de negação e esquecimento. Esse é o caminho para formar indivíduos mais conscientes de sua própria finitude e, paradoxalmente, mais capazes de celebrar a vida.

3.4 A MORTE E O ENSINO DE CIÊNCIAS

O ensino sobre a morte em sala de aula é algo necessário para os alunos poderem desenvolver a empatia e

compreender a finitude inerente a todos os seres vivos. “Sofrimento e morte são temas raramente encontrados na vida escolar. Com uma preparação tanatopedagógica de professores, estes assuntos poderiam constituir um elemento regular da educação, em parceria com os familiares dos alunos.” (Grzybowski, 2009, p. 38). Para o ensino de biologia, compreender a morte e entender que esta é necessária para se manter as relações ecológicas entre os indivíduos, pois quando um ser vivo morre, tanto sua energia quanto seus nutrientes ajudam a manter as relações ecológicas no ecossistema.

O ensino sobre a morte nas aulas de ciência se baseia nas interações ecológicas que ocorrem com o corpo no pós-morte, no qual os organismos decompositores se alimentam dos restos orgânicos dos indivíduos. “O fenômeno se torna destituído de uma aura sacro-escolástica e se torna facilmente aceitável, não somente como questão científica, mas também como um assunto comum de discussão.” (Grzybowski, 2009, p. 32). Contudo, é também necessário entender a parte emocional que permeia esse período da vida dos alunos nos quais estes enfrentam a perda de um familiar, colega ou amigo. “A educação para a morte é,

na verdade, a educação para a vida. O pensamento que permeia a educação não se restringe completamente ao período decadente da existência humana; às circunstâncias do morrer, à morte como estágio terminal ou ao que vem depois” (Grzybowski, 2009, p. 31).

Os professores, de maneira geral, ao compreender e ensinar sobre a morte em sala de aula, auxiliam os alunos a compreender sua própria cosmovisão de mundo, entendendo melhor seus sentimentos e lidando de maneira mais significativa com a perda e, em casos mais específicos, com a morte. Como se pode ver abaixo.

“O objetivo da educação tanatológica é gerar e fornecer a pedagogos e professores o conhecimento e ainda a formação de competências nos seguintes campos: pesquisa, acúmulo, análise e difusão do conhecimento, por meio de pesquisas científicas que enfoquem a temática da morte e do sofrimento; condução e participação em discussões sobre a morte e o sofrer em

vários níveis de amplitude e em diversos ambientes [...]” (GRZYBOWSKI, 2009, p. 32)

A morte está presente no cotidiano dos indivíduos de maneira geral, atualmente há quase um “culto” à morte no qual algumas emissoras sensacionalistas diariamente divulgam crimes hediondos que culminam em morte. Não é incomum que grupos políticos ou religiosos celebrem ou desejem que guerras ocorram, sejam estas travestidas em nome de Deus ou explícitas em busca dos próprios interesses desses grupos.

A morte em si pode estar presente em uma comunidade pela perda de entes queridos ou em todo um país quando ocorrem grandes tragédias. É nesses momentos que mais se precisa compreender e ensinar sobre a morte. A morte deve ser trabalhada em sala de aula não apenas na visão biológica da mesma, mas sim de uma maneira transdisciplinar que englobe as suas questões sociais, históricas, geográficas, espirituais, mentais e emocionais.

O ensino sobre a morte em sala de aula começa com a compreensão deste estado de encerramento da vida,

ao entender o sofrimento que antecede a morte, seja este na forma de uma doença ou na forma de um acidente. No primeiro caso, quando uma família se depara com um parente com um diagnóstico terminal, cabe a esta preparar-se para esse período inevitável da vida. E a escola pode ser essencial nesse processo, ensinando os alunos sobre a morte, como podemos ver adiante.

"O primeiro estágio da melhoria da qualidade de vida está em se quebrar a resistência de se pensar, falar ou saber sobre as doenças e a morte. Paradoxalmente, todas as pessoas adoecem e morrem, mas quase ninguém consegue falar abertamente sobre isto e expressar suas emoções, assim como tomar parte no sofrimento dos outros" (Grzybowski, 2009, p. 34).

A doença deve ser compreendida pelos alunos não apenas como resultado da ação de microrganismos, parasitas, câncer, doenças autoimunes ou genéticas, dentre outros. Mas também como o

agente causador de sofrimento daquele familiar desses alunos. "É importante informar as crianças sobre as doenças e a distinção entre doenças que sejam insignificantes, sérias e terminais, o que deve vir acompanhado das abordagens mais adequadas e pelos cuidados com a pessoa doente." (Grzybowski, 2009, p. 37). E mesmo o professor precisa buscar compreender seus sentimentos e sofrimentos a respeito da morte para poder ministrar uma aula significativa para seus alunos, cabendo a este elaborar a melhor metodologia de trabalho para que seus alunos possam compreender a finitude da vida frente à inevitabilidade da morte. "A tarefa mais difícil nesse sentido é a habilidade de cruzar as fronteiras de nossa própria visão de mundo. (Grzybowski, 2009, p. 33). Para o professor, uma forma de se trabalhar esse tema e debruçar-se sobre a tanatologia ajuda a compreender a morte em si e o sofrimento por essa causado, como podemos ver adiante.

"A tanatopedagogia pode ser um tema interessante para pedagogos e coordenadores pedagógicos, que, após inteirados do assunto, podem dar suporte a professores

durante suas aulas de pedagogia ou ocasionalmente conduzir um grupo de apoio e organizar leituras para os membros da comunidade escolar. Aulas desse tipo ajudam não somente a amenizar os problemas vindos de experiências que as pessoas têm com a doença, o sofrimento e com a morte de familiares ou conhecidos, como também na integração da comunidade escolar." (Grzybowski, 2009, p. 39)

Este tema, por sua vez, é marcado por preconceitos, com algumas pessoas pensando que somente aqueles que estão a morrer precisam entender a tanatologia e a morte (Grzybowski, 2009). Muito pelo contrário, toda a família e comunidade precisam se preparar para esse momento final da vida. Nesse momento, é necessário ocorrer a convivência e o diálogo com aqueles que biologicamente estão mais próximos de seu fim para que os alunos possam compreender que a vida tem suas limitações e sua finitude

inerente. "O diálogo intergeracional conduzido numa família e direcionado à doença, ao sofrer e ao morrer é de crucial importância, já que numerosas instituições não admitem visitantes com menos de dezesseis anos de idade." (Grzybowski, 2009, p. 38).

Cada indivíduo possui uma percepção diferente do mundo e, sobre este, quando falamos sobre morte, crianças a enxergam de maneira diferente de um adolescente e este, por vezes, de um adulto. Logo, ao se ensinar sobre a morte e o sofrimento que a permeia, é necessária uma adequação do currículo para a faixa etária a se trabalhar (Grzybowski, 2009). Além disso, a depender da etnia e religião, a forma de se ver a morte muda totalmente, assim se faz necessário ao professor (de ciências) buscar novas formas de se entender e trabalhar a morte em sala de aula. Ao incitar que os alunos se confrontem com seus sentimentos, sua tristeza, seu luto, o professor faz com que, ao compreender os próprios sentimentos, os alunos possam superá-los.

O professor de ciências deve buscar novas formas de compreender e trabalhar a morte em sala de aula, incitando os alunos a confrontarem seus próprios sentimentos, tristezas e lutos,

para que, ao compreenderem suas emoções, possam superá-las com mais saúde e resiliência. A tanatopedagogia não se limita a transmitir conceitos biológicos sobre a decomposição ou os ciclos da natureza, mas faz uma reflexão profunda sobre o sentido da existência. Ao criar um ambiente de acolhimento, a escola pode transformar o silêncio em diálogo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte, embora biologicamente inevitável e pedagogicamente relevante, é sistematicamente silenciada na escola e na sociedade ocidental contemporânea. Este artigo demonstrou que abordar a finitude em sala de aula, por meio de perspectivas biológicas, filosóficas, históricas e culturais, é viável, ético e benéfico. Os principais desafios são a formação insuficiente de professores e o tabu social; os benefícios incluem a redução do medo irracional, o fortalecimento da empatia, a promoção da saúde mental e a preparação dos alunos para lidar com perdas reais. A escola, ao integrar a morte ao currículo de forma interdisciplinar e respeitosa, cumpre seu papel formativo, transformando o silêncio em diálogo e a negação em acolhimento, sem eliminar o luto, mas

tornando-o menos patológico e mais integrado ao desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 1-8, 2006.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

GAZIS, George Alexander; HOOPER, Anthony (ed.). Aspects of death and the afterlife in Greek literature. **Liverpool**: Liverpool University Press, 2021.

GRZYBOWSKI, Przemysław Paweł. Scopi e prospettive di applicazione della formazione tanatologica di educatori ed insegnanti. In: KRAKOWIAK, Piotr; BINNEBESEL, Józef; JANOWICZ, Anna (ed.). Jak rozmawiać z uczniami o końcu życia i o wolontariacie hospicyjnym. Gdańsk: Biblioteka Fundacji Hospicyjnej, 2009. p. 21-39.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio: que filosofar é aprender a morrer e outros ensaios**. Tradução de Rosemary Costhek. São Paulo: Editora 34, 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Sobre a brevidade da vida**. Tradução de William Li. São Paulo: Penguin Companhia, 2018.